

MUSEU DO LIVRO ESQUECIDO

Sempre que tomo conhecimento do surgimento de algum museu ou centro cultural novo, procuro visitar para conhecer. Soube de dois espaços e consegui articular uma viagem que permitisse visitar os dois. O primeiro é o Museu dos Livros Esquecidos, recentemente aberto ao público no bairro da Liberdade em São Paulo. Comecei a pensar seriamente na questão do esquecimento literário quando o professor Luiz Cruz batalhou e conseguiu alguns anos atrás que fossem republicadas as obras completas da falecida escritora francana Evelina Gramani Gomes, que estava esquecida. Não nego que pensei também que pudesse ser um lugar onde poderia colocar os meus, pouco lidos e já quase todos esquecidos.

O que também me chamou a atenção no novo museu foi por ser uma ideia parecida com as do escritor espanhol Carlos Ruiz Zafón em seu livro “A Sombra do Vento”. Infelizmente Zafón morreu jovem, sua brilhante carreira literária foi interrompida por um câncer aos 55 anos em 2020.

Para quem não leu o livro, vai um release da Companhia das Letras, vale a pena ler, é daqueles livros que você começa e não quer parar: “Barcelona, 1945. Daniel Sempere acorda na noite de seu aniversário de onze anos e percebe que já não se lembra do rosto da falecida mãe. Para consolá-lo, o pai leva o menino pela primeira vez ao Cemitério dos Livros Esquecidos. É lá que Daniel descobre A sombra do vento, romance escrito por Julián Carax, que logo se torna seu autor favorito, sua obsessão. No entanto, quando começa a buscar outras obras do escritor, Daniel descobre que alguém anda destruindo sistematicamente todos os exemplares de todos os livros que Carax já publicou, e que o que tem nas mãos pode muito bem ser o último volume sobrevivente. Junto com seu amigo Fermín, Daniel percorre a cidade, adentrando as ruelas e os segredos mais obscuros de Barcelona. Anos se passam e sua investigação inocente se transforma em uma trama de mistério, magia, loucura e assassinato. E o destino de seu autor favorito de repente parece intimamente conectado ao dele”.

O Museu dos Livros Esquecidos ao vivo me lembrou mesmo a descrição do cemitério dos livros esquecidos de Zafón. Situado nas proximidades da estação do metrô da Liberdade, merece uma visita após circular pela muvuca de produtos da cultura japonesa. No caminho, encontrei o Museu do Tribunal de Justiça num belíssimo casarão restaurado, mas esse é para pouca gente, já que não existe justiça no Brasil, elitista e punitivista apenas contra os pobres.

Já o Museu do Livro é um belo palacete assobradado de 1924, tombado como patrimônio histórico, projeto do arquiteto italiano Felisberto Ranzini que trabalhou no escritório de Ramos de Azevedo, que está sendo restaurado ao mesmo tempo em que o local foi aberto ao público. Ranzini viveu no prédio até falecer e até pouco tempo atrás o imóvel pertencia à família, até ser vendida ao grupo que montou o museu.

Uma pequena equipe disposta e atenciosa acompanha os interessados numa visita guiada pelo local, com seus móveis antigos, sua arquitetura primorosa e, em sua primeira exposição, algumas obras “esquecidas” como a da escritora da Idade Média Christine de Pisan, uma poetisa e filósofa italiana que viveu na França durante primeira metade do século XV. Ela era conhecida por criticar a misoginia presente no meio literário da época, predominantemente masculino, e defender o papel vital das mulheres na sociedade. Foi a primeira mulher francesa de letras a viver do seu trabalho. Escreveu a mão seus livros, duplicados apenas em pouquíssimas unidades copiados também a mão, em torno de dez unidades cada livro dos quarenta que escreveu ao longo da vida.

O Museu pretende incrementar sua atuação com o empréstimo de livros e oficinas de restauração e encadernação, utilizando o porão do imóvel, também aberto a visitação.

Mauro Ferreira é arquiteto